JGMF-LMD-ETIC-EDIT.mp4

[00:00:00] ENTREVISTADOR Em que pé que está essa discussão hoje a respeito da capacidade dos estudantes e novos médicos de tratar dessas questões? Como vocês veem os estudantes graduandos, os residentes no começo da residência, diante de questões dessa natureza?

[00:00:32] PARTICIPANTE 09 Esse é um assunto bastante complexo, ele é muito polêmico, principalmente por causa disso. A sensação que eu tenho hoje é que um médico só passa a pensar nisso, até entender isso, porque isso é um pouco mais complexo, mas pensar isso, primeiro, com o tempo; e, segundo, se ele atravessa algum tipo de revés, alguma dificuldade de uma decisão. E isso é mais eficiente ainda se isso for uma coisa com ele. Se ele passa com uma questão pessoal com eles. Fora disso, essa questão, essa discussão é bastante polêmica. Ela não desperta hoje muita atenção entre os jovens médicos. O pessoal está muito mais interessado em técnicas diagnósticas, técnicas terapêuticas, etc, etc... do que a fazer esse tipo de reflexão. Hoje eu estou com a garganta meio ruim, sabe, deixando a desejar. Mas essa é uma questão interessante. Eu já participei uma vez, eu me lembro assim, agora, nesse momento, de detalhes interessantes. Tinha uma discussão sobre esse assunto, era alguma coisa sobre a diferença ética e moral. Essa era a discussão. Uma das pessoas que estava presente, um grande amigo pessoal, infelizmente falecido agora há alguns anos atrás, que é o XXXX, é um padre jesuíta, um dos grandes filósofos brasileiros. E o XXXX era um sujeito muito enfático, que colocava as questões de uma maneira muito direta. E ele propôs uma questão que eu achei muito interessante. Na opinião dele, para se pensar e discutir a diferença entre ética e moral. Entre o *ethos* e o *mores*. E a ética é tudo aquilo que me governa, é de eu para dentro de mim. E a moral, no sentido que ele falou, é de eu para fora. Estou usando a expressão aqui ironicamente, viu? De eu para dentro e de eu para fora. Quer dizer, os princípios éticos de uma pessoa são, vamos dizer assim, princípios que regem a cognição, as emoções, etc, de uma pessoa. E nos dão, a cada um de nós, uma sensação de que nós estamos indo de acordo com esses nossos princípios ou não. Então, a ética, essa questão, é a mesma questão vista para mim, por dentro de mim. E a moral são todos esses princípios vistos para fora de mim. Como que eu aplico eles nos outros. Essa é uma discussão muito polêmica. Tem gente que não aceita essa conceituação. Mas essa discussão foi uma discussão muitíssimo interessante. Ela gerou uma série de exemplos na época desse... isso até foi lá na Associação Médica, que a gente participou

5:1...
5:3 E iss...
Contextualizar...ncias
5:5 está...
O aluno afeta...ição/m
5:17...
Estratégias já...u confe

desse debate lá. Isso é uma coisa interessante. Os alunos até podem ter alguma coisa no sentido que eu estou falando da palavra moral, que é o que eu vou fazer com o paciente, com a família do paciente. Mas o interesse, pelo si próprio, como eu me posiciono, é uma questão muito mais complexa. Existe uma outra questão que eu me lembro também, que foi discutida nessa reunião. Fui eu que levei, inclusive. É uma frase que existe, que não existe decisão correta, existe decisão tomada. Se ela é correta ou não, é um comentário *a posteriori*. Se deu certo, foi correto. Se não deu certo, não foi correto. Então, essa questão, eu vou tomar uma decisão. Como é que eu sei que ela será certa? Não sei. Eu me lembro uma vez que uma aluna perguntou para o Savassi, o clínico. "Professor, como é que a gente pode treinar para não errar em medicina?". E ele respondeu para ela alguma coisa assim "não perca seu tempo com isso, porque todo médico erra, mas existem quatro tipos de médicos", eu lembro ele falando isso. "Os que erram muito pouco. Os que erram pouco. Os que erram muito e os que só erram". Essa é uma discussão muito interessante, sabe? Porque passa em função da ética, da moral, esse tipo de discussão. Você pretender ter princípios éticos morais para evitar o erro, isso é de uma ingenuidade absoluta. Porque parte dessa decisão. Não existe decisão certa e decisão errada. Esse comentário é sempre *a posteriori*. Existe decisão tomada. Se você suspende uma coisa, um tratamento, aquilo é certo? Não sei. Depois eu vou saber se é certo. Eu me lembro de uma paciente jovem, muito jovem, era uma menina. Teve uma poliomielite cervical. Estava tetraplégica. Internada no XXXXX num respirador. Ela era hígida, do ponto de vista físico. Esse é um dos maiores sofrimentos que uma pessoa pode imaginar para o outro. Completamente congelada naquela situação. E a gente descobriu que ela queria falar alguma coisa. Aí a XXXX, que era enfermeira-chefe lá da Enfermaria de Clínica Médica, me propôs tentar descobrir o que ela queria falar. Ela tinha uma traqueostomia definitiva e um respirador ligado nela aqui. Sei que depois de algum tempo nós desconectamos, fizemos uma porção de coisa para tentar ler ela, ler o que ela falava. E o que ela conseguiu falar conosco é "me mate". Me mate. Pedia para a gente matá-la. Na hora que ela descobriu que a gente entendeu, a cara dela mudou. Agora, você já imaginou isso? Você julgar isso do ponto de vista ético? Essa moça teve uma intercorrência qualquer, talvez um mês depois disso, em que a conexão da traqueostomia soltou. E a Célia estava presente e não deixou o residente reconectar. Esse é um assunto extremamente complexo, um assunto delicado. Eu tive uma longa discussão com esse residente, porque ele não assistiu a nossa conversa com ela, não assistiu o que é a absoluta falta de perspectiva existencial de uma pessoa nessas condições. Sei lá quantos anos ela tinha, 15, 16 anos de idade. Absolutamente hígida do ponto de vista corporal. Então, essa questão é uma questão importante. Eu acho que é uma coisa

5:6 Os... Bagagem prévia do a

5:61... Superficialidade da d

5:18 Eu me lembro uma vez que uma aluna pergun... EXEMPLOS DE DILEM

5:19 Eu me lembro de uma paciente jovem, muito jovem, era uma menina. Teve uma... EXEMPLOS DE DIL

que você pode, de alguma forma, trazer no seu texto. Essa relação da ética, da moral, com o eu. Eu para dentro e eu para fora, é uma proposta. E com a relação dos conceitos de ética com as decisões. Uma vez que não existe decisão correta, *a priori*. Só existe decisão tomada. Vou passar a bola para o XXXXXX.

[00:09:16] PARTICIPANTE 10 Essa posição, essa colocação do XXXXX, ela é realmente muito consistente. Eu penso assim. Há algum tempo, em função da situação política no Brasil, eu li um texto que eu não me recordo a autoria, mas, fundamentalmente, dizia o seguinte: ser ético é uma coisa muito difícil de definir. Talvez a definição mais simples, mais fácil, que não quer dizer que seja a mais correta, seja colocar assim: você não fazer em público, ou seja, para fora, aquilo que você não faz quando está só. Quando está só você. Aí tem uma carga de julgamento moral, mas, de qualquer forma, remete a uma concepção reflexiva daquilo que alguém pode decidir fazer. Esse caso dessa moça não foi o primeiro do XXXX. Quando eu iniciei a residência, na primeira semana de residência, que era por sorteio e eu fui designado para o CTI, internou um rapaz de 19 anos, que tinha ido à praia com a família e contraiu pólio ao nível bulbar. Ele chegou a Belo Horizonte só a tempo de ser intubado no CTI e no CTI ele permaneceu na mesma situação dessa jovem durante seis meses, até que morreu depois de inúmeras infecções. E várias discussões aconteceram nessa época, na chamada Equipe Médica do CTI, porque era um assunto que era destinado quase exclusivamente as decisões, a médicos. Outros profissionais não tinham uma possibilidade de participar, o que eu acho também que é algo que, como você citou no caso da XXXXX, eu acho que é algo também que tem a ver com a questão da ética numa perspectiva ampliada da ação, da prática. E esse rapaz, que não conseguia ficar nenhum instante sem o respirador, somente chorava. A partir de um determinado tempo de permanência no CTI, ele somente chorava. Era interessante como o choro dele incomodava as pessoas muito, continuamente, porque ele só chorava. Aí, como ele estava no respirador e precisava de medicamentos para ser mantido no respirador, encontrou-se uma certa forma, uma saída, que era sedá-lo uma parte do tempo. Pelo menos durante esse período ele não chorava. Então ele incomodava menos os sentimentos de todos e o cotidiano de todos. Mas voltando à questão do aluno, do estudante ou do jovem residente, eu tenho ficado preocupado, eu tenho me sentido objetivamente preocupado com a superficialização que a vida tem tomado, especialmente, e não apenas, mas nas pessoas jovens. Quer dizer, a vida é aquela licença provisória que a gente tem para respirar aqui embaixo, como dizia o Riobaldo Tatarana, mas ela atualmente tem um sentido reflexivo que eu vejo como muito superficial. E dificilmente… quer dizer, eu tive na graduação, ativo na graduação até cinco anos atrás. De lá para cá, só

2

Instrumentalizar a dis

5:23 Quando eu iniciei a residência, na primeira semana de residência, que era p...

EXEMPLOS DE DILEM

5:25 E várias discussões a...

EXEMPLOS DE DIL

5:60 Er...

O profissional...rim

5:8 encontr...

O profissional...ar

5:24 do...

[EXCLUÍDO] T...dar dis

5:9...

Superficialidade da d

na residência e na pós-graduação. Inclusive nos médicos recém-formados. Para ter um aporte de ética, pelo menos uma leitura de conceito, eu avalio que teria que ter uma certa imersão em doutrinas. E isso, no meu modo de entender, não tem ocorrido. Eu acho que eu já disse isso na semana atrasada, mas o meu sentimento hoje, o meu pensamento também, é que as pessoas querem se atualizar em algo que elas não conhecem. E aí eu acho que é importante colocar essa questão dos preceitos, da parte de preceito e da parte normativa da profissão. Me lembro que não tive conteúdo de ética médica no curso médico, conteúdo explícito como disciplina. Nós tínhamos uma disciplina que era de uma fragilidade intrínseca enorme, que se chamava Medicina Legal e Deontologia Médica. Ela tinha muito pouco do conteúdo fundamental de Medicina Legal, que seria chamado conteúdo forense ou jurídico, e tinha algumas coisas do ponto de vista de deontológico. Mas, assim, muito frágil. Quando eu terminei o curso médico, eu senti um desconforto muito grande de, assim, quase um médico veterinário de bípede. Com todo respeito pela posição dos veterinários, é uma profissão em que eu avalio que eles têm demonstrado muito mais compaixão do que os médicos dos chamados humanos, mas eu me senti muito na condição de um veterinário de bípede *Homo sapiens*, porque não tinha um lastro com a questão ética, com a questão filosófica. E aí, como se diz aí no Nordeste, eu desembestei a ler sobre essas coisas, e formei uma pequena biblioteca e tinha interlocutores. Eu me lembro que, na época, o meu interlocutor fundamental sobre isso era o XXXXX, que era um indivíduo que tinha uma vertente nesse sentido, e outros. Médicos também. Inclusive religiosos. Quando eu fui para o estágio no Amapá, que era um hospital mantido por uma instituição filantrópica italiana, que tinha sido fundada por um irmão leigo da Igreja Católica, ali era interessante, porque havia um ambiente onde se faziam reflexões do ponto de vista ético nesse conteúdo reflexivo da filosofia. Uma coisa bastante interessante. E tive como interlocutor lá um padre já com 90 e muitos anos, que tinha sido missionário na Birmânia, desde que terminou a Primeira Guerra até que ele foi aposentado por doença. Como se dizia frequentemente, coloquialmente, lá no Amapá, ele teve inúmeras malárias lá na Birmânia. E ele relatava algumas experiências dele lá interessantíssimas. Inclusive um fato concreto, que foi o acontecimento de ter caído um avião militar japonês perto da aldeia onde ele era missionário. E poucos dias depois ele deu abrigo aos feridos da queda desse avião até que eles se recuperassem e depois eles se internaram na selva da Birmânia para encontrar as bases deles. E tiraram do avião a única coisa que eles tinham de maior valor, que era um saco de sal e deram para a igreja lá, para a aldeia, porque um produto que não existia lá para eles era sal. Então era uma coisa fundamental para eles. E ele contando o que aconteceu quando os aviões de observação norte-americanos viram que tinha caído esse

2

5:10... Instrumentalizar a dis

... O aluno afeta...lar insu

5:21... Superficialidade da d

5:11... O aluno afeta...lar ins

5:12 Qu... Quebra de ex...ue de

5:59 eu... O profissional...e sens

5:27 ha... Estratégias já...u confe

5:28 E tive como interlocutor lá um padre já com 90 e... EXEMPLOS DE DIL

avião japonês lá. Eles não mandaram nenhuma forma de comunicação, apenas eles bombardearam a aldeia e os entornos da aldeia durante 14 dias, 24 horas por dia, na tentativa de exterminar os possíveis sobreviventes daquele acidente aéreo. E ele fazia reflexões muito interessantes sobre essa questão no seguinte sentido: nesse momento, quem era o inimigo da Birmânia? Eram as vítimas da queda do avião? Ou eram aqueles que os estavam procurando para destruir? Uma coisa interessante. Me lembro muito bem disso. E essas discussões lá no Amapá eram muito interessantes, porque o cenário era muito propício a isso. Lá nós já nos deparávamos com gravidez em meninas de 11 anos, que o pai da criança tinha 12. Isso tem 40 anos. Aliás, 50 anos. Eu estava no primeiro ano de residência. Questões como essa. Questões, por exemplo, de um indígena que veio trazer a família dele para tratar no hospital uma filha adolescente que tinha asma, mas ele acampou no hospital e ele era um indivíduo com dependência química de álcool. Ele maltratava a família. Então ele trazia a filha para tratar, mas ele maltratava a família. E isso era objeto, inclusive, de conversa com ele, de avaliação e de discussão. Eu acho que a dificuldade que eu sinto hoje é da nossa parte da juventude, da população, ter um pouco mais de imersão nesse tipo de valores. Acho que isso é uma situação a resgatar, embora eu não esteja muito seguro que seja possível. O que é uma ação ética? Acho que ela não perpassa muito o espectro de preocupação dos nossos prezados estudantes, não.

[00:21:15] ENTREVISTADOR Muito bem. Eu queria aproveitar, então, um gancho que surge... Sobre a... eu acho que, na verdade, assim, vocês já passaram por boa parte das questões que eu tinha planejado para falar sobre exemplos de situações, marcos conceituais que contribuiriam para a discussão. Eu queria aproveitar para acrescentar uma reflexão extra que acabou que se fez mais evidente nos últimos seis meses, mais ou menos, que foi bastante falado no encontro de bioética que aconteceu em Brasília na semana passada. Eu acho que tem uma conexão com essa questão da superficialização do tratamento de alguns assuntos complexos. Que pode ser um fator agravante, inclusive, para essa superficialização, da forma como a gente trata algumas questões. Que é a eclosão das inteligências artificiais e do acesso às inteligências artificiais, do acesso que temos a elas e do acesso que elas têm a nós. E aí eu queria perguntar a opinião de vocês sobre qual é o papel - tentando fazer um exercício aqui de futurismo e de previsão - qual o papel que vocês veem para as inteligências humanas, levando em conta esse aspecto da ética, do pensamento reflexivo profundo... qual o papel das inteligências humanas após o início da era das inteligências artificiais? O que vocês pensam sobre essa questão e de como essas coisas virão a partir de agora?

5:28 E tive como interlocut...
EXEMPLOS DE DILEM
5:29 E essas di...
EXEMPLOS DE DIL
5:30 Questões, por...
EXEMPLOS DE DILEM
5:31 Eu...
O aluno afeta...lar insu
5:16 O...
O aluno afeta...ição/m

[00:23:43] PARTICIPANTE 09 Léo, já que a gente começou nessa ordem, eu vou continuar na ordem. Essa é uma questão muito interessante, eu acho. Eu tenho um artigo. Se quiser, eu te mando ele depois, XXXX. Eu não sei exatamente onde é que ele está. Eu li recentemente. É uma reflexão que já é mais ou menos comum. Quando a gente... isso há algum tempo atrás, antes do advento da internet com a potencialidade que ela tem hoje. Você queria estudar um assunto. Por exemplo, o seu assunto. Você ia para uma biblioteca, pegava livros, anotava, fazia resumos, chegava às suas conclusões, procurava outros livros. Esse indivíduo que escreveu esse artigo e várias outras pessoas, são da opinião que o que a gente chama hoje de inteligência artificial é uma técnica de fazer essas pesquisas numa velocidade que elas parecem instantâneas. Você tem acesso a essas informações. É um banco de dados imenso. Você tem acesso a elas. Isso acontece numa rapidez tal que a gente tem a impressão de que isso é fruto de uma inteligência, uma pessoa pensando atrás disso. Quer dizer, atrás de toda inteligência artificial, tem um software criado por uma inteligência humana e é capaz de manipular dados. Você vê, por exemplo, tem uma moça que eu conheço atualmente, está fazendo um doutorado na escola de música. Uma boa parte do que ela escreve, isso ela deixa público, ela tira desse *chat* né... *GPT*. E tem coisas preciosas que vêm de lá. Tem coisas que não têm sentido nenhum, tem coisas preciosas que vêm de lá. Isso é interessante da gente pensar nisso. Porque o que se chama de inteligência artificial, sob certos aspectos, nada mais é do que o aumento da velocidade das buscas tradicionais que a inteligência humana faz. E numa quantidade de informações que é inviável a uma pessoa fazer isso. Se você quiser... você não lembra de jeito nenhum, o Léo lembra. Existia, durante décadas, um livro que a Biblioteca da Escola de Medicina assinava, ele deve estar lá ainda, a parte dele, que chegava duas vezes por mês. Chamava *Index Medicus*. Era um catálogo de artigos organizados por assunto. E era um livro, cada volume devia ter um palmo de espessura. A gente fazia fila, tinha que marcar a hora para ela ter acesso ao *Index Medicus*. Tirava lá da estante, punha na mesa e saía procurando. Isso você faz hoje com o *chat GPT*. Muito rapidamente, muito mais rapidamente. Eu, pessoalmente, não tenho muita preocupação. E isso que se chama hoje de inteligência artificial, não sei se vai vir alguma outra coisa, mas o que se chama hoje de inteligência artificial... a gente usa a inteligência artificial, sem chamá-la de inteligência artificial. Quando você quer saber onde é que vende um sapato, você entra no *Google*, escreve lá, tênis, marca, tal, tamanho, tal. Eles fazem assim, para você, com 200 mil coisas. Quem paga aparece primeiro, quem não paga aparece depois. Eu não acredito que isso vai fazer diferença, não. Isso vai, sob certos aspectos, facilitar. Porque torna mais rápido essa condensação de

5:45 sã... 3 - Educação...ompree

5:3... 8 - Papel hum...e direç

5:34 U... 1 - Impactos d...a infor

5:3... 4 - Necessida...oas

5:65 au... 1 - Impactos d...a infor

5:43... 2 - Boa compr...rece ir

5:3... 5 - Interesses...m rum

informações. Esse artigo, que eu vou tentar achá-lo aqui, onde é que ele está, ele tem um título meio hilário. *Chat GPT* é burro igual todos os *chats*. Coisa desse tipo. Não é assim, não. Estou inventando aqui, mas é um negócio desse tipo. E é muito interessante a gente pensar nisso. Existe uma, talvez, sob esse ponto de vista, se você estiver à disposição, a XXXX, durante essa pandemia, criou as XXXXX. Não sei se você já viu alguma. Foram umas 15, talvez. Eu fui convidado a abrir as XXXX, falando sobre a medicina em plena pandemia. Isso foi em agosto de 2020, mais ou menos. A segunda, ou a terceira XXXX, você acha isso no *site* da escola. É sobre inteligência artificial. Aquele professor lá da computação, do XXXX, que eu esqueci o nome dele aqui agora. Foi sensacional a entrevista dele, a aula dele. Ele mostra o que é isso, na prática. Essa é a ideia que eu tenho. Isso não fará muita diferença. Se fizer, pode ser uma coisa. Claro que isso aí, quanto mais informação, mais possibilidade de controvérsias, etc. Mas eu não acredito que isso vai fazer diferenças estruturais na inteligência humana. XXXX, bola passada para você, de letra.

[00:29:33] ENTREVISTADOR Só um complemento da pergunta. Com relação a esse exemplo que o senhor deu, você falou de uma pessoa que traz recorrentemente algumas informações do chat GPT. Você acha que a redução desse exercício de busca, que era muito mais extenuante, de gerações pregressas, foi se tornando cada vez menos pesado, pelo menos no ponto de vista da busca em si, ainda havendo um trabalho para fazer a leitura e a síntese. Mas agora o fato de a gente receber uma síntese pronta ou semi-pronta desses mecanismos, você não vê isso como algo possivelmente problemático?

[00:30:32] PARTICIPANTE 09 Isso pode ser uma coisa atrofiadora. Agora, como isso é um jogo explícito, uma das coisas que a gente faz com ela, explicitamente, também, é questioná-la. E esse questionamento é ao vivo, então ela não tem como olhar o *chat*. E ela gosta muito disso, é interessante. O que você está trazendo para ela, ela nunca fez isso na vida. Ela é uma musicista, sempre trabalhou com performance musical, e agora está fazendo esse trabalho. E é um trabalho em que ela pegou uma determinada obra de um compositor brasileiro, e ela está estudando as dimensões pedagógicas dessa obra. Esse compositor não escreveu isso com finalidades pedagógicas, mas ela tem algumas experiências de ensino dessa obra que mostraram para ela essa importância. Então ela está fazendo uma dissecação, esse é o termo. Dissecando a obra. É um trabalho muito interessante, e ela nunca teve treinamento de fazer isso, em época nenhuma da vida, ela tem cinquenta e poucos anos de idade. Então essa prática com ela, no *chat*, por mais atrofiadora que seja, para ela está tendo um efeito contrário, porque ela tem acesso a coisas, que

5:44 Es... 4 - Necessida...oas p

Estratégias já...u confe

5:37 Ma... 1 - Impactos d...algum

1 - Impactos d...juízo c

5:57... 8 - Papel hum...e direç

1 - Impactos d...a infor

ela fica impressionada com aquilo, e nós fomos atrás dela. Quando é que é isso? Vai procurar isso, especificamente. Fora do *chat*, senão ela repete. A gente pergunta ao *chat* coisas muito parecidas, ele responde igualzinho. Então é interessante, sabe? É uma coisa explícita, explícita mesmo. Mas que tem essa possibilidade, tem, com certeza. Atrofia. Tem um termo ótimo, o que não desafia, atrofia. Se você não desafia, atrofia. XXXX, você está mudo aí, viu, XXXX?

[00:32:44] PARTICIPANTE 10 Eu estou esperando a sua conclusão aí. Quando eu tomei contato, pela primeira vez, com esse termo, inteligência artificial, eu fiquei me perguntando assim, o que poderia ser isso? Eu não tinha o menor nível de informação sobre isso, mas eu comecei a achar que não era uma coisa muito, o nome não caía muito bem, sabe? E aí eu me lembrei de uma colocação de Sócrates, que ele dizia que quem vê alguma coisa pela primeira vez, dá o nome daquilo. Depois que deu o nome, aquele nome passa a ser utilizado. Mas se aquela coisa não for aquilo a que quem viu pela primeira vez deu o nome, nós estamos enganando os demais. Acho que essa questão de chamar de inteligência artificial, acho que ela tem um pouco de uma contrafação semântica. Tem que chamar de artificial, eu acho, para valorizar um pouco, porque, como você muito bem colocou, ela é artificial partindo de uma instituição natural, que é o pensamento humano, que elaborou esse *software*. Então, se você me perguntar o que eu acho da inteligência artificial, eu tenho uma certa desconfiança com essa inteligência artificial. E tenho uma posição bem criticável, eu sei disso, mas que é assim, para que serve além de aumentar a velocidade para você realizar trabalho? Eu estou lendo agora um livreto escrito por dois filósofos alemães, que se chama O Manifesto Contra o Trabalho. Não é uma coisa de leitura leve e rápida.

[00:35:19] PARTICIPANTE 09 Como é que é o livro? Eu não entendi direito.

[00:35:22] PARTICIPANTE 10 O conteúdo é O Manifesto Contra o Trabalho.

[00:35:27] PARTICIPANTE 09 Ah, sim, contra o trabalho.

[00:35:30] PARTICIPANTE 10 Em que esses autores são da nova escola filosófica alemã, eles colocam as coisas assim, o que tem sido feito no mundo nos últimos tempos e para quê? Tem sido feito muita coisa, é lógico, mas nenhuma dessas coisas é necessariamente para aliviar o trabalho, ou seja, para diminuir o trabalho. No caso da inteligência artificial, eu acho que o exemplo que eu buscaria inspirar neles é o seguinte, é para aumentar o trabalho de você saber mais alguma coisa e dominar mais alguma técnica. Porque aquela busca de

5:6... 4 - Necessida...oas pr
5:41 Ma... 1 - Impactos d...juízo c
5:47 Qu... 2 - Boa compr...rece ir
5:58 Ac... 3 - Educação...ompree
5:4... 8 - Papel hum...e direç
5:56... 2 - Boa compr...rece ir

artigo no *Index Medicus*, XXXX, eu fiz até muito recentemente. Até a eclosão dessa pandemia, eu frequentava, quer dizer, os *Index Medicus* hoje são relíquias bibliográficas. Tem alguns na prateleira ainda, mas a maior parte já deve ter ido para a reciclagem.

[00:36:37] PARTICIPANTE 09 Sim, eu sabia que tinha não. Vale a pena, viu, Marcos, você vê isso, você vê ao vivo isso.

[00:36:44] PARTICIPANTE 10 Eu fui, enquanto eu morei em Belo Horizonte, eu era um rato de biblioteca, assim, bem presente. Então, quarta-feira de manhã, eu saía de casa bem mais cedo, porque a única atividade era a reunião da endocrinologia às 11 horas. Eu saía de casa bem mais cedo e ia para o último andar da biblioteca. Ia para o último andar. Onde eu descobri, por exemplo, que aquela história de enrolar um barbante no dedo para tirar um anel agarrado foi publicado num periódico médico da Alemanha por dois médicos que trabalhavam em pronto-socorro. Foi a publicação original. Foi considerado, inclusive, um artigo original. Era da década de 50. E eu era esse rato de biblioteca, e digo a você, assim, que isso trazia um chamado ganho secundário. Porque eu achava, principalmente, muita coisa que eu não estava procurando. Eu encontrei um dia uma citação do Aires de Eça, do livro Reflexões Sobre as Vaidades dos Homens, e fui atrás do livro e fui comprar o livro. Depois eu encontrei uma citação do nosso ilustre professor canadense. Aliás, ele não era nem canadense… não, era canadense, né? O grande William [Osler], que era professor de medicina interna e que depois foi para a Inglaterra, que era a respeito do Zadig, o personagem da novela de Voltaire. E eu fui encontrando, e eu tinha um prazer muito significativo em procurar isso. Coisa que eu, hoje, não tenho feito, não tenho frequentado. É uma reminiscência só, uma reminiscência histórica. Mas eu achava muito interessante esse trabalho que eu chamo de garimpo. Garimpo das coisas que você quer saber. Porque no meio do caminho você encontrava um tanto de coisa que você não necessariamente precisaria saber, mas que eram muito prazerosas. Então eu acho que essa história da inteligência artificial, como aquilo que os americanos chamam muito bem de ferramenta, que a gente precisa de uma chave de fenda para apertar um parafuso, precisa de um alicate para torcer um arame. Eu acho que como uma ferramenta de busca, está de bom tamanho. Mas eu acho que uma coisa que a gente tem que estar alerta é até onde ela está substituindo a profundidade da coisa. Eu acho que isso contribui para uma superficialização da inserção no conhecimento. Puxa, mas isso parece...

5:50... 8 - Papel hum...e direç

5:54 Ma... 1 - Impactos d...juízo c

[00:39:53] PARTICIPANTE 09 Digo, essa superficialização sempre existiu, não é?

[00:39:59] PARTICIPANTE 10 Pois é, mas isso agrava, se você tem uma coisa... eu acho que isso é que os chamados intelectuais da humanidade têm se manifestado muito preocupados e propostos, inclusive uma moratória no avanço disso, não é? Antes que a inteligência artificial engula a humanidade de uma forma que ela não vai conseguir se ver livre com facilidade. Então antes que ela vire um polvo, estão querendo fazer uma moratória nessas coisas. Eu não sei até quando que isso modificaria a situação, não. Mas eu acho que a contribuição para a superficialização é muito significativa. Coloca-se a responsabilidade das coisas sobre algo que chama inteligência artificial. Eu acho que nenhuma ferramenta dessas é capaz de sentar ao lado de um paciente que está com câncer de pâncreas, chocado, em fase terminal, dar a mão para ele e escutar a conversa dele. Eu acho que nenhuma delas. E eu acho que isso faz parte da ética da profissão médica, que é o exercício da compaixão.

5:67... 0 - Previsões...logias f

... 7 - É necessár...os étic

5:53... 7 - É necessár...os étic

5:66 Eu acho q... 8 - Papel hum...e direç